

MEMÓRIA CAMPINEIRA (45)

SAUDOSISMO CAMPINEIRO

Paulo Pompeu

“... me despertou instintos interurbanos, vontade avassalante de correr à Estação da Luz e comprar um bilhete de primeira no trem de Campinas. Presto cortei asas ao desejo porque me dizem (lembrei-me a tempo) que em Campinas está tudo mudado, com a Prefeitura a botar abaixo sobradões da era imperial, rasgando avenidas, consertando o alinhamento das ruas, enquanto o industrial abre fábricas, o comerciante instala refinadas lojas e o cronista fala de coqs e novos hábitos sociais. Embora sem andorinhas e sem a Igreja do Rosário, apraz-me a notícia de que Campinas se deixou empolgar pela febre do progresso.

Mas não seja tão alta essa febre que esterilize os peculiares encantos campineiros. Haverá ele de preservar a majestade das palmeiras do Jardim Carlos Gomes, flabelando ao vento de agosto os leques que ouviram namoros de normalistas, a gazetear as aulas da vizinha escola, e guardam ecos de retretas dominicais, com muita profonia do Guarani e muita cavalaria ligeira. Cuido também que a avançada do progresso (como é horrível este lugar-comum!) terá respeito pela velha figueira do Largo do Pará, que oculta o antigo palácio de ilustres bispos. E também o monumento-túmulo do maestro, não queiram arredá-lo da Praça Antônio Pompeu, sob pretextos especiosos de circulação de veículos. Não tenho informações de fonte limpa, mas quero crer que prefeitos modernizadores hajam conservado no jardim da Praça Imprensa Fluminense aqueles anõezinhos barbudos, que bem merecem permanência infinda no lugar adrede escolhido para o seu plantão. Nem terão mexido nos jequitibás do Bosque, na sua fonte de água fresca, já não se sabendo do paradeiro de lendária anta.

Enquanto Campinas crescer, altear arranha-céus no Largo do Rosário e na rua Barão, trazendo rotativas de último tipo para os seus jornais, aviões a jato para o Aeroporto de Viracopos, quem sabe mesmo uma usina

atômétrica para alimento de suas indústrias, mandando café Caturra e café Mundo Novo para fazendas onde imperaram a cana e o algodão - enquanto ela assim crescer, a Catedral haverá de presidir ao seu futuro, prendendo-a também às boas tradições e às boas imagens do passado. Obras de entalhe de Mestre Vitoriano dos Anjos, não as vejam apenas os olhos de turistas apressados; sejam perenes apelos à cultura e ao espírito. De longe imaginando a Campinas remoçada - com o título de cidade universitária, bangalôs a espriaiem-se em bairros novos, gentes de outras terras a recorrer aos seus institutos médicos, lavradores e cientistas a franquearem o portão do Instituto Agrônômico - revejo a lagoa do Taquaral, o footing domingueiro na Rua Barão, os serões na Associação Campineira de Imprensa, rodadas de chope no Cristofani, consoadas no Clube Semanal de Cultura Artística.

Daf que eu imagine os campineiros firmando um termo de compromisso entre o passado e o futuro, um termo que delimite fronteiras entre o progresso e a tradição. Termo para que Campinas, progredindo, não perca as suas características de cidade do mais vivo sentimento paulista. Ou, antes, sentimento campineiro. Só assim poderá um filho seu, a correr terras d'Europa, se lhe indagarem da nacionalidade, repetir a já famosa resposta: 'Sou campineiro'. E terá dito tudo".

(A Flor Amarela, 30-31. São Paulo, 1979)